

# Segundo Grau tem um déficit de 20 mil vagas

TÂNIA NEVES

A secretaria estadual de Educação abre hoje as inscrições para o concurso de acesso ao Segundo Grau, com expectativa de ter mais de 80 mil candidatos. O total de vagas ainda não foi divulgado, mas não deve ir muito além de 60 mil — quantidade oferecida no ano passado. Apesar do prometido aumento do número de vagas, ele continuará sendo insuficiente para atender à demanda. Somente na Zona Oeste do Rio, que no ano passado teve cerca de 20 mil candidatos disputando pouco mais de cinco mil vagas, o número de estudantes que não poderão cursar o Segundo Grau em escola pública deverá ultrapassar os 15 mil.

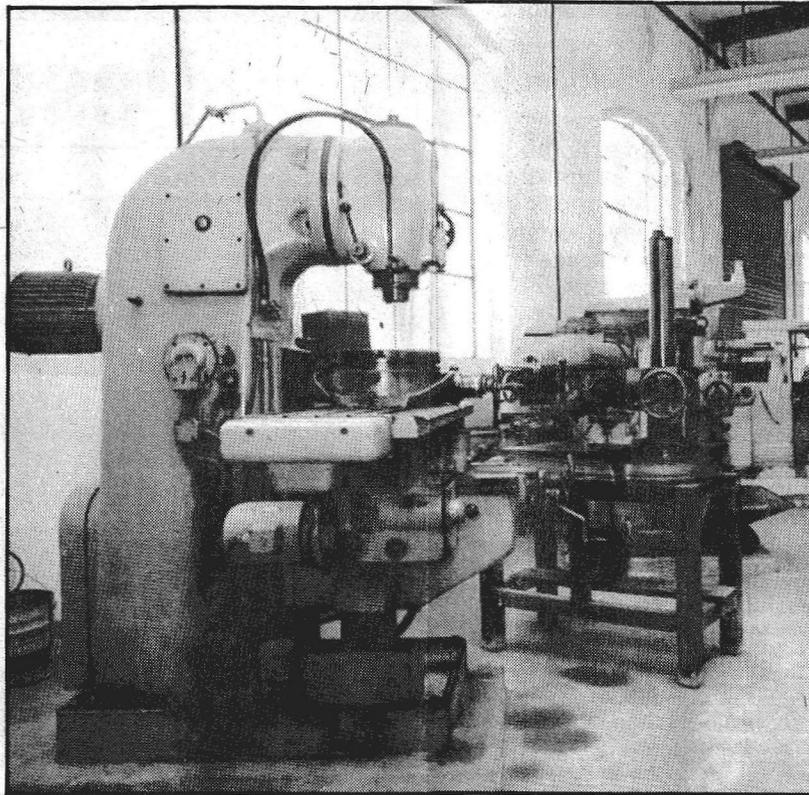
Mas conseguir uma das vagas oferecidas não significa para o estudante o fim da batalha contra as dificuldades de se instruir. A falta de professores, as péssimas condições de boa parte dos prédios escolares e a decadência sempre crescente do ensino profissionalizante — o mais procurado no Segundo Grau — espreitam o início do próximo ano letivo. Das 308 escolas de Segundo Grau que mantém, o estado reformou este ano apenas 44. Abriu somente duas novas, em São Pedro d'Aldeia e Bom Jesus do Itabapoana. A falta de professores não fez com que fosse realizado concurso público para preenchimento de vagas e poucos dos concursados antigos, que aguardavam na lista de espera, foram chamados.

A precariedade da maior escola técnica estadual do Rio — a

Visconde de Mauá, em Marechal Hermes, que já foi considerada a melhor da América Latina — dá uma mostra de como se encontra o restante da rede. Faltam professores e material para aulas práticas, a maioria de seus 12 prédios tem problemas estruturais e de instalação, há falta de segurança e boa parte dos equipamentos está há anos sem funcionar. Nas recentes passeatas pelo impeachment do presidente Collor, estudantes da Visconde de Mauá estiveram sempre presentes, levando faixas e cartazes de denúncia contra o péssimo estado da escola, que tem mais de três mil alunos.

— A formação dos alunos está extremamente prejudicada. Podemos dizer que hoje eles só saem bem formados no aspecto teórico, porque o nível do corpo docente é muito bom. Mas a parte prática é bastante deficiente e só não é pior graças à criatividade de alguns professores. Muito da formação prática os alunos só conseguem quando começam a estagiar em alguma empresa — diz o diretor-geral da escola, João Carlos Baptista da Silva.

A Visconde de Mauá tem 78 anos de existência e oferece cursos raros na rede do estado: eletrônica, eletrotécnica, mecânica e desenho mecânico. A demanda por mão-de-obra especializada nessas áreas pode ser medida pelo interesse que muitas empresas já manifestaram de criar convênios com a escola, no sentido de equipar melhor seus laboratórios em troca do desenvolvimento de pesquisas e projetos por seus alunos e professores. Mas o estatuto do magistério estadual proíbe esse tipo de associação e o resultado é o afastamento cada vez maior entre os alunos que se formam na escola e as empresas, que poderiam absorvê-los em seus quadros.



Sala de mecânica da Escola Visconde de Mauá: faltam professores e material



Manifestação pela escola técnica em Realengo: problemas com o Exército